



PODER EXECUTIVO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Memorial Acadêmico para promoção ao
nível E – Professor Titular –
da carreira do Magistério Superior

Identificação

Nome: Julio Cesar Bentivoglio

Departamento / Centro: Departamento de História – CCHN

Identificação Única (Siape): 1374550

Área / Subárea (CNPq): 7.05.00.00-2 História / 7.05.01.00-9 Teoria e Filosofia da História

Regime de Trabalho Atual: 40 h/ Dedicção Exclusiva (DE)

Situação Atual na Carreira: Classe D – Associado - Nível 4

Data da Última Progressão: 25/09/2022

Progressão Pretendida: promoção à Classe E – Titular

Vitória, 3 de agosto de 2024

Comissão Especial de Avaliação para Professor Titular

Membros efetivos

Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo (UFOP)

Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)

Sumário

Apresentação	4
Introdução	14
Formação	26
Atividades de ensino e de orientação	31
Produção intelectual	35
Atividades de Pesquisa	39
Atividades de extensão e participação em congressos	44
Atividades administrativas e de representação acadêmica	47
Participação em entidades científicas e acadêmicas	49
Participação em bancas e comissões julgadoras	51
Produção profissional técnica relevante	52

Apresentação

Este memorial acadêmico apresenta uma síntese da minha trajetória profissional nesta Universidade Federal do Espírito Santo no período compreendido entre agosto de 2008 até este mês de julho de 2024, em observância à Resolução nº. 52/2017 – CEPE/UFES, destacando seus momentos significativos e a minha contribuição nas atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão no biênio 2022 a 2024. Também relacionará, brevemente em sua Apresentação e em sua Introdução, aspectos de minha biografia, formação e de atuações profissionais anteriores, na tentativa de restituir uma trajetória profissional e quiçá algum possível sentido, ou sentidos, para minha experiência de vida e de trabalho, responsável por minha subsistência no intuito de conferir uma fisionomia particular a minha vida acadêmica. De repente posso deixar de mencionar certas passagens, na tentativa de ser breve, bem como mencionar alguma atividade aparentemente insignificante para alguns, se isto ocorre, certamente, porque determinados eventos fixaram-se e outros não em minha memória. Mesmo esses lapsos, não deixarão de ter um significado especial, que no momento, não tenho como aquilatar.

De forma ligeira, este texto tentará dar conta de uma vida, ao lado de tantas outras provavelmente bem mais interessantes ou notáveis. De todo modo, é um acerto de contas comigo mesmo, com minhas escolhas e com meu passado profissional. Olhando o conjunto da obra e da vida, inacabado e em curso, não seria errado dizer que o sentido de tudo parecer vir mesmo do trabalho, como disse Eclea Bosi em *Lembranças de velhos*. De botar a mão na massa assumindo riscos e respondendo às necessidades. Foram os esforços de materializar os projetos que sempre me impeliram adiante. Assim como a vontade de tentar abrir novos caminhos para minhas pesquisas. De encontrar coisas novas conectando meus desejos e expectativas pessoais com as atividades acadêmicas. Então o trabalho foi esse esforço de concretizar alguns intentos que iam surgindo ao longo da vida profissional. Ao fim e ao cabo, parece-me que nada se compara ao prazer de intuir ou sonhar sobre coisas novas a se fazer ou procurando fazê-las diferente. De tentar imprimir-lhes uma fisionomia pessoal, fixando-lhes uma marca. É algo que sempre me

acompanhou. Apesar disso, para mim é muito difícil falar sobre realizações. Talvez o que tenha sido mais importante para mim, não o seja para meus leitores ou colegas de profissão. E digo sem titubear que, embora o trabalho e a materialização de projetos tenham sido importantes, para mim, de fato, a ideia ou o *brainstorm*, sempre foram essenciais. Fizeram-me sentir vivo. Vislumbrar a ideia, pensar sobre algo diferente era o que me movia. Tentar novas descobertas ou experimentar caminhos não visitados. Óbvio que, essa forte ideação esteve sempre acompanhada de bastante pragmatismo e senso de realidade. Uma contradição a mais, talvez, ao lado de tantas outras em minha jornada.

Lembro-me que, em um dia qualquer no ano de 1992, durante meu segundo ano de graduação em História, ocorreu-me a ideia para um projeto de romance, que me persegue como uma sombra até hoje e que, como tantos outros, resta inacabado. A inspiração vinha da leitura de Charles Baudelaire e o título, provisório como tudo na vida, era *Flores mortas*. Havia ali uma tentativa de conectar Raduan Nassar a Valêncio Xavier, Friedrich Nietzsche a Walter Benjamin, com uma harmonia ou lírica que pudesse ligar David Bowie a Iron Maiden. Tudo isso com pitadas de desconstrução. Diriam: um *non sense*. Eu sei. A despeito disso, intento muito aquém das habilidades e conhecimentos de um jovem de 21 anos. Mal sabia que literatura era também, e muito mais talvez, um trabalho incansável e demorado de trabalhar, que exigia muito esforço e conhecimentos específicos diferentes daqueles que eu estudava em História. E eu tinha que sobreviver. Assim, o livro teve que esperar minha graduação, mestrado, doutorado, concursos, trabalho acadêmico. Na verdade, ele espera até hoje. Provavelmente um atestado de que eu seja mais um daqueles inúmeros escritores fracassados de ficção que se resignaram e foram fazer outra coisa na vida. Ou não, pelo menos exatamente. Porque comecei a escrever minhas outras histórias. Aquele romance idealizado, contudo, é mais uma prova de que, em nossa trajetória há muitos projetos inacabados ao lado de erros. Mas, os fracassos não geram *produtos*, logo, não costumam entrar em memoriais.

Aquele episódio virou uma chave em minha cabeça. Como meu ingresso na universidade. Em 1988 eu prestei o vestibular para Medicina na Unesp, naquele momento uma total fantasia para jovens pobres da periferia que tiravam boas notas no ensino médio

e, por conta disso, eram reputados como inteligentes. Desconhecia as assimetrias do processo seletivo. Aquele *Vunesp 88* foi um aprendizado. Evidentemente que não passei, embora minha classificação tenha garantido uma vaga em Biologia em Botucatu ou na Educação Física em Bauru, respectivamente em segunda e terceira chamadas. Sem dinheiro ou perspectiva, eu que já trabalhava como ajudante de pedreiro, no caso em questão com meu próprio pai em Franca, fui tentar a sorte como metalúrgico graças à vaga obtida por intermédio um tio, em uma obra em Guarulhos no ano seguinte, junto à empresa Norton Metalúrgica.

O insucesso no vestibular foi um choque de realidade e de pragmatismo que, desde então, se tornaram coordenadas inegociáveis que passaram a guiar minhas decisões. Ficava claro que nem tudo é possível, mesmo com algumas condições aparentemente favoráveis. Os limites estão aí, por toda parte. Um ano como apontador de campo em obras de tubulação nos Laboratórios Pfizer – que se notabilizou no futuro por apresentar o Viagra ao mundo - às margens da Rodovia Dutra, morando de favor e almoçando em refeitório me fizeram, novamente, ver a importância de uma formação acadêmica para uma vida melhor.

Eu gostava muito de ler e de escrever. Escrevia minhas coisas, meus poemas. Fui leitor ávido de histórias em quadrinhos e dos livros da série *Para Gostar de Ler* da editora Ática. Também gostava de desenhar e de ouvir *heavy metal*. Este gênero musical foi uma descoberta feita em 1985 ao trabalhar numa construção onde, na casa ao lado um jovem ouvia Iron Maiden o dia todo no último volume. Aquilo me fez dar adeus às músicas de qualidade duvidosa que ouvia nas rádios FM de Franca, interior do estado de São Paulo, a maioria sertanejas. Não me fizeram, entretanto, abandonar o gosto por música eletrônica e a *new wave* dos anos 1980, tampouco por figuras ímpares da MPB, como Roberto Carlos, Gilberto Gil ou Caetano Veloso. Enfim, naquele ano de 1989 meus dois irmãos já tinham se casado, meu pai tinha ido trabalhar nas obras do metrô da Avenida Paulista e minha mãe havia ficado sozinha em Franca-SP. No final do ano me inscrevi e prestei o vestibular para História em Franca a fim de poder ficar perto de minha mãe e retornei de Guarulhos, começando minha graduação em março de 1990. Eu havia

sido transferido para obras na cervejaria Antarctica em Japareguá, no Rio de Janeiro, mas declinei e decidi voltar às raízes. Tivesse ido para o Rio, minha vida poderia ter sido completamente diferente.

Devo confessar que não considerei a História uma segunda opção. Eu também gostava desta matéria no colégio. Apesar de não ter tido professores memoráveis ou que tenham se tornado uma referência para mim. Tanto que nem lembrava seus nomes. Precisei ligar para meu dentista, que na época era meu colega de colégio da 5ª a 8ª série na Escola Jerônimo Barbosa Sandoval e, logo depois, do 1º ao 3º colegial na escola Cede. Graças a ele recuperei os nomes, respectivamente: dona Bela e seu Fauzi. Ela jovem, na casa dos 35 anos, dinâmica, motivada; ele na casa dos 50, 60 anos, sem a mesma empolgação. Eu gostava mais do conteúdo que exatamente das aulas de ambos.

Mesmo cursando História, o desejo de escrever continuava latente. Eu sabia que ele exigiria mais treino e sacrifício, enquanto eu precisava mesmo era de mais dinheiro para sobreviver e ajudar minha mãe, que trabalhava incansavelmente, em uma creche e depois em uma fábrica de calçados. Além das costuras que fazia em casa, até altas horas da noite, inclusive nos fins de semana, para complementar a renda. Como ganhar na loteria era e ainda é, ao menos para mim apenas uma probabilidade matemática remota – porque meu irmão já ganhou na loteria e depois dele ter ganho, tornou esse intento para mim uma impossibilidade absoluta, afinal de contas, quantos casos existem de famílias onde dois irmãos ganharam na loteria? –, a expectativa era a de que se eu tivesse alguma grande sacada poderia ter uma vida melhor e ajudar meus pais. Fazer algo importante, escrevendo uma boa história. Conseguir uma editora. Ganhar dinheiro com isso. Não nego, o sonho e a ambição sempre estiveram presentes. Mas não a vaidade.

Flores mortas deveria ser um romance não linear, pós-moderno, construído de forma fragmentária usando diferentes linguagens. Feito de vestígios, de pequenos achados, de ruínas, de registros de diferentes épocas e personagens conectados entre si, aparentemente pelo acaso. Tenho partes dele na gaveta já prontas. Algumas redigidas há muitos anos, outras mais recentes. É uma história que se passa no século XIX, envolvendo um carpinteiro francês que abre uma funerária e que havia trazido um daguerreótipo para

o Brasil. Ele fotografava os defuntos antes de acomodá-los nos caixões, sem que as famílias soubessem. Lá estava, naquela ideia do ano de 1992, o século XIX como foco, período fundamental em que concentrei meus estudos e minha produção ao longo da carreira, praticamente até hoje. O intuito de discutir realidade e representação. De falar sobre o tempo e a eternidade. De refletir sobre simulacros, o passado e o real. Questões que, sem dúvida, sempre estiveram colocadas em meu caminho.

Aquele lampejo nasceu em um quarto na zona norte de Franca, em um bairro humilde e fronteiro, que margeava a zona rural. Um quarto em uma casa construída lentamente, desde 1985, em mutirões, em fins de semana. Meus pais, meus irmãos e eu. Vez ou outra com a ajuda de amigos ou parentes do meu pai. Ali eu embalava esses sonhos de miúda grandeza. E aquela história não acabada de 1992, era como se tentasse traduzir a minha própria história. Foi nesse mesmo quarto que comecei a esboçar este memorial, em um final de semana de junho de 2024, num sábado de greve nas federais, que se encerrou recentemente. Confesso que, pela primeira vez, tive dificuldades de vencer a página/tela em branco. Faltavam-me palavras para começar. A antiga cama de solteiro, o armário velho de duas portas e uma TV de 14 polegadas comprada na promoção relâmpago do Magazine Luiza por 400 pratas naquele mesmo ano de 1992 já não estavam mais ali, mas as paredes, os adesivos na janela ainda eram os mesmos. Paredes que eu ajudei a levantar e a pintar. Os *posters* de bandas de rock pendurados na parede também não existem mais. Naquele ano, 1992, eu deixei de trabalhar na estamperia do Daniel – desde meu retorno de Guarulhos um emprego era necessário – porque tinha obtido uma bolsa de estágio graças à professor Teresa Malatian. Na estamperia eu aprendi a estampar adesivos e camisetas. E fazia minhas artes, que não vendia na praia. Lembro-me, por exemplo, de ter feito um adesivo para minha turma de História a fim de levantar dinheiro extra. Foi graças à bolsa que passei a ter tempo livre para estudar e planejar o futuro. Minha primeira descoberta foi Nietzsche, que nunca havia lido. E logo depois Walter Benjamin. Mas, em minha primeira experiência de pesquisa, os estudos de memória, em especial Halbwachs e Bergson, se tornaram

referência. Minha primeira orientadora foi Teresa Malatian. Ela despertou em mim o gosto pela pesquisa.

Esse começo de meu memorial pode parecer piegas, mas foi exatamente assim que me surgiu. Penso que minha vida seja bem comum. Melhor que seja assim, para que eu não construa, me esconda ou defenda um personagem, o professor e autor de livros, Julio Bentivoglio, que as pessoas leem e visualizam uma imagem na cabeça, bem distante da realidade. Então acho que aqui terão a oportunidade de me conhecer melhor. A facilidade da escrita, que nunca foi também exemplarmente praticada, foi um aprendizado e um enfrentamento permanentes, ao longo da graduação e da pós-graduação. O Julio autor nasce aí. De um leitor ávido no colégio, que passa a comprar a *Folha de São Paulo* somente aos domingos, por causa de seu caderno de cultura, que ficava a maior parte do dia lendo na biblioteca durante a graduação e o mestrado. Com o dinheiro da bolsa praticamente morava na biblioteca do campus de Franca da Unesp a ponto de me tornar próximo de todos os seus funcionários, pelos quais, até hoje nutro enorme gratidão e carinho: Fátima, Márcio, Sandra. Além deles, Maysa e Lelio também eram figuras pelas quais nutro enorme estima. Poder percorrer as estantes e folhear os livros nas prateleiras era algo radicalmente novo para mim. E eram muitos livros. Ficava horas a fio lendo e descobrindo autores, para além dos indicados nas disciplinas da graduação.

Todas essas habilidades duramente construídas de nada valeram para iniciar este memorial. Foi muito difícil vencer a resistência em escrevê-lo, em achar um modelo ou caminho. Obstinavam-me os fracassos; poder dividir os fantasmas das derrotas que me assombram, tratar do que não pude fazer, ou daquilo que deu errado na vida e na carreira. E foram muitas coisas. Acho que seria mais fácil escrever sobre isso. Então isso explica esse tom mais confessional. Ele foi a chave encontrada capaz de destravar as palavras, afinal de contas, dias depois de tentar começar este memorial, da última semana de junho até a primeira quinzena de julho ele estava parado na mesma situação. Uma e outra linha redigidas sob o signo da letargia das ideias e do ânimo.

Mesmo de volta a Vila Velha o bloqueio continuou e me impediu de redigir este texto até agora, final de julho, quando o retomo por força da necessidade – entenda-se do

reajuste salarial – mais do que pelo fetiche da titulação. Ou ainda a vaidade de deixar o banco dos associados e virar titular. Com o agravante de uma crise na cervical, que me dói e formiga terrivelmente o braço esquerdo, obrigando a sessões de fisioterapia diárias. De todo modo, assevero que sou muito mais um mestre-professor fascinado pelas aulas e pelos alunos, que exatamente aquele tipo exitoso de professor titular pesquisador que deixará seu nome gravado na memória do tempo, atravessando as décadas e inspirando gerações. Porque era assim que eu enxergava aqueles que envergavam este título na USP e na Unesp em meus tempos de graduação e pós-graduação. Ao juntar os pedaços do tempo urdido no trabalho árduo em muitas atividades acadêmicas, reconheço que a história mais importante que quis escrever e ainda não o fiz, era uma ficção. Apesar disso, fui capaz de redigir muitos textos, desiguais e variados, alguns deles bons, com boa acolhida, outros nem tanto.

Li alguns memoriais para me inspirar, alguns deles muito técnicos e secos, outros mais espontâneos e poéticos. Oscilavam, portanto, entre o burocrático e o mais livre. Embora o tom confessional tenha sido o gatilho, faltava saber por onde começar. E achei melhor começar no meio das coisas, da graduação, em 1992. Um ano, para mim, de virada. Mas a liberdade total de escrita seria impossível, pois, minha universidade, obrigatoriamente, exige alguns itens obrigatórios nesse texto. Meu sentimento era o de que esse documento, que para outros parecia uma dádiva e um coroamento de carreira, para mim se assemelhava a uma barreira intransponível. Mania da gente se apequenar. Mas, o que é pior, em meu íntimo era como se eu redigisse um réquiem para mim mesmo. O fim da carreira, em minha cabeça, afastava-se do eterno retorno nietzscheano e parecia flertar com a nulidade existencial heideggeriana.

A morte que tanto me fascinara e provocava pavor, desde a infância, tomou-me de assalto. O memorial metia-me o medo da morte. Um tema central para o romance não escrito de 1992, que me obrigou até a ler livros de medicina legal ou a saber mais sobre protocolos funerários. Coroar a carreira parecia ser o meu fim. E o memorial assumia ares de texto-limite, com o perdão da palavra. Um documento final de carreira e de vida. E, com tanto projeto inacabado, tanta coisa que não deu certo ou por fazer, havia uma

angústia sobre este momento e sobre o que dizer acerca dele. E se haveria vida, depois dele. Porque eu queria ter feito mais e melhor. Infelizmente, não pude. Seja na minha carreira, seja neste texto-lápide.

A premência da promoção ao último patamar da carreira batendo-me à minha porta, a data do pedido se aproximando, obrigou-me a este verdadeiro exorcismo intelectual. Fustigar demônios interiores, nomeá-los e atirá-los para longe, tentando assumir o controle sobre meu passado e minha vida, isto foi o exercício de escrever este memorial. E foi feito. Mas tanto a vida quanto a carreira, provavelmente, de fato eu nunca controlei. Porque as condições nunca estiveram exclusivamente sob minhas mãos. Mas concluo este texto, seja por questões existenciais, profissionais ou mesmo salariais. Nunca fui de fugir de prazos, tampouco de obrigações. Aliás, não raro, sempre foi impossível escapar deles. Então, disso entendo bem, da entrega de textos, das datas e prazos que nos oprimem e que realizamos, na maior parte das vezes, sem o tempo necessário de maturação. E, eventualmente, sem o devido prazer. Aos poucos que lerem este documento, saibam que a tentativa de colocar o passado em ordem, pode ser frustrada, de modo que serei breve, tanto pelo pouco tempo que disponho para requerer a promoção quanto para não ser pego de surpresa pela morte. Por conta disso, não vou ocupá-los com detalhes ou reflexões longos, inclusive, livrando-os do tédio de uma recitação monótona.

Não sei se logrei êxito em localizar algum sentido em minha trajetória, tarefa muito difícil, mesmo para um historiador profissional. A impressão é de que minha vida, assim como minha carreira, foi construída a partir de vicissitudes que escapavam do meu controle pessoal, pois muitos acasos ou táticas resumiram minha sobrevivência em meio ao caos do trabalho acadêmico e da universidade, algo comum para aqueles que não vivem nos cumes mais elevados entre os pares, ou nas melhores instituições. Daí a importância dos colegas, das parcerias, das redes. Ou de equalizar seus próprios sonhos. Para quem veio de baixo e viveu sempre por baixo, o peso das estruturas é sempre maior. Enfrentá-las é exercício cotidiano, vencê-las é dádiva incomum, com pequenas vitórias fortuitas e efêmeras. Depois de muita resistência, vi que era preciso acertar contas comigo mesmo e esse provável sentido da minha história. Evidentemente que não darei conta de

tudo e então é nesta direção que retomo as poucas linhas que havia redigido em Franca. No dia em que redigi a linha cima era 20 de julho. Um mês depois das tentativas malogradas de escrever o memorial, ele terá que surgir de um jeito ou de outro. E a redação se dá, nos fins de semana, como podem ver, quando essa tarefa encontra tempo para ser feita. E agora que o dou por encerrado é 5 de agosto.

Antes de prosseguir, é preciso dizer que a alegria de chegar ao topo da carreira, também é um pouco frustrada pelo medo do futuro. O fascismo reascendeu no mundo e no Brasil. A ameaça à profissão, à universidade e ao livre pensamento é real. Não sei como será amanhã, se terei fôlego e empolgação para dar continuidade aos sonhos antigos, que cada vez mais dão lugar às exigências do agora. Na carreira, encerra-se o estímulo para alcançar novos patamares. O salário atinge seu limite, que por sinal é valor bem distante daquele percebido em outras carreiras. De repente o sentido aqui buscado, melhor dizendo, construído, possa ser um bálsamo para aplacar aqueles demônios e enfrentar a morte, com dignidade, fingindo-lhes alguma resistência que na verdade é puro ardil. Que este memorial seja um artefato que possa distraí-los, esticando minha vida a momentos do passado, conferindo-lhes alguma voz no presente, a fim de fixar minha trajetória em boa imagem. E que ele também possa ocupar-se de alguns sonhos de futuro, com os anos derradeiros que virão até a aposentadoria e a velhice.

Posso dizer a vocês que, à base de Losartana, Rosuvastatina, Dorflex e Omeprazol, a vida, nos últimos anos, caminhou até que relativamente bem até chegar aqui, acompanhada por crises de gastrite, crises de pânico, duas hérnias de disco na cervical, refluxo, dores de cabeça e uma internação na UTI devido a uma crise de hipertensão. Sem contar episódios de perda de visão ocasionais, que duram de 10 a 20 minutos e que vez ou outra interrompem meu trabalho de leitura, sem diagnóstico preciso ou tratamento. O medo de voar foi vencido, por conta dos compromissos e das distâncias. A ansiedade, maior problema de todos, vive administrada, por planejamento, cuidados e, é claro, alguma cerveja e muitos, muitos amigos. Fisicamente esta é a situação em que me encontro e sob a qual atravessei os últimos anos para enfim, postular a classe de professor titular. Porque toda vida, acadêmica ou não, precisa de um corpo.

Dedico meus sucessos e este memorial primeiramente aos meus pais, Valter e Elsa Bentivoglio que me ensinaram a cuidar da casa e do trabalho, tecendo redes e roupas, sobrevivendo, e mostrando para mim que a vida não é só o trabalho ou o resultado de mero esforço individual. Ela é cuidado, solidariedade e afeto. E, sobretudo, me fizeram atentar para o tempo, os compromissos, para a qualidade e reciprocidade nas relações, de se viver de forma digna e honesta, com absoluto respeito pelos outros, ensinamentos cruciais para mim. Devotar apreço às pessoas e respeitar seu trabalho. Dedico também à minha companheira, Kelly Andrade, que me ensinou a apreciar melhor os detalhes do cotidiano e aproveitar melhor a dádiva da existência. Que me ensinou a cuidar um pouquinho mais de mim mesmo e dotar a vida de mais carinho e cumplicidade.

Introdução

Nasci em uma pequena cidade do interior de São Paulo, na divisa com Minas Gerais, banhada pelas águas do rio Grande. Pouco depois de completar um ano, meus pais foram para Franca-SP onde passei a maior parte da minha vida. O trabalho de meu pai junto a construtoras como Mendes Júnior ou Andrade Gutierrez era o de tantos outros naquela região, junto à construção de *barragens* – usinas hidrelétricas – uma novidade naquela região, durante o suposto milagre econômico do Regime Militar e suas obras faraônicas de infraestrutura. Meu pai era pescador e pedreiro, ficou órfão aos 12 anos em uma família de seis irmãos e uma irmã de criação. Tornou-se peão de obra para sustentar a família, pois casou-se muito jovem com minha mãe e tiveram três filhos. Portanto, era fundamental ter um emprego de carteira assinada.

Por conta das obras que tinham duração rápida, mudamos para várias cidades, Santo André-SP, São Paulo-SP, Franca-SP, São Simão-GO, Araguari-MG e Franca-SP novamente. Estudei em escola pública toda minha vida. Tirava boas notas. Tinha facilidade de aprendizagem. Lembro o nome de algumas professoras: Rita na primeira série. Dirce na segunda. Na terceira e quarta, já não me lembro. Do ensino médio, lembro-me apenas de alguns, mas não me recordava do nome de meus professores de história no colégio. Uma revelação constrangedora, sem dúvida. Afinal, como professor de história eu não gostaria de ser sido esquecido por meus alunos escolhessem seguir essa mesma carreira. Ou de não lhes ter marcado ou ter tido alguma importância em sua formação. Mas, devo ser ninguém na vida de centenas de alunos, afinal, o mundo é assim, todo mundo é ou vai ser ninguém para alguém. E está tudo bem.

Passei no vestibular para o curso noturno de História na Unesp-Franca em terceiro lugar no ano de 1990. Lembro-me até hoje da minha redação. A minha nota também me daria vaga no curso de Direito. Digo isso porque lá em Franca, como em tantos lugares, este curso parece ser mais importante que o de História, ou mais difícil de disputar as vagas nas universidades públicas. Trabalhava na estamperia durante o dia e ia direto para

a Universidade à noite. Entre 1990 e 1993 minha rotina era essa, estudar em uma boa universidade, mas que não tinha, naquele momento, a estrutura que tem hoje, com restaurante universitário, alojamento para estudantes, muitas bolsas, etc. Como disse, estampeei camisetas para lojas e empresas, fiz adesivos, tudo para conseguir dinheiro extra. No primeiro ano gostei muito do curso de História Medieval, acho que o professor era da área de educação, parecia-me um pessimista. Marxista, ele não tinha formação ou pesquisa em Idade Média, mas abriu a mente da minha turma, que o homenageou na formatura. O nível dos professores na Unesp-Franca era bastante desigual. Alguns eram bons. A maioria deles nem morava em Franca, permanecendo em São Paulo. Preferiam viajar cinco horas de ônibus da capital, ida e volta, toda semana a alugar uma casa na cidade e viver ali. Criava-se, portanto, a imagem de que Franca não era boa para se viver. Isso parecia criar um distanciamento entre os professores locais e os de fora. E entre os que eram bons e os que não se importavam. Sentia-se também uma rivalidade, uma disputa no ar, que o contaminava. USP em primeiro lugar e, em segundo, Unicamp, eram sempre uma referência para eles e para nós, os alunos. Em menor grau, a UFF e a UFRJ. Nos textos usados ficava esta impressão. O resto do Brasil, raramente surgia. E a Unesp, na visão dos alunos, era diminuída constantemente. Uma prima pobre e distante dos cursos de História dos grandes centros.

Naqueles anos, uma vertente da História Cultural, a chamada História das Mentalidades, ganhava espaço e a própria História Cultural desafiava estudos mais tradicionais da história social e da história econômica. Insurgia-se também, muito contra o marxismo. A recente queda do Muro de Berlim e o ocaso da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas deram azo a uma cruzada antimarxista. Os professores marxistas esperneavam, mas rarefaziam em importância e em número. No departamento talvez fossem apenas dois ou três, no máximo. Acredito que essa rivalidade foi bastante ruim e tendeu a piorar nos anos seguintes. Havia muita maledicência, muitas ironias, muitas rivalidades que atrapalhavam os estudos e a convivência entre alunos e docentes. A despeito disso, destaco a chegada de dois professores que foram muito estimulantes em minha graduação: Margarida Carvalho e Nelson Schapochnik. Com este último conheci

Walter Benjamin e Hayden White. Mas, fundamentais foram mesmo, Teresa Malatian e Ida Lewkowicz que me abraçaram, abrindo-me o caminho e o apetite pela pesquisa. No meu segundo ano de faculdade consegui uma bolsa de estágio no Projeto Memória da UNESP, coordenado por Teresa Malatian em Franca e Tania de Luca em Assis. Em 1992 eu fui pela primeira vez a um congresso gigantesco de História na USP. No segundo ano também criei, ao lado de três colegas, Antonio Baltazar, Andrei Santos e Adriana Gianvecchio um boletim de História, amador e com cara de fanzine, feito à mão e também usando os primeiros computadores. A impressão era caseira e ele era reproduzido, gratuitamente em xerox. O nome era *Vagantes*. Dele, só existiram quatro números, que guardo as *bonecas* comigo até hoje. Lembro-me que o pessoal do Diretório Acadêmico achou que quiséssemos disputar a política estudantil, montar chapa, vencer eleições e chegar à direção. Ledo engano. Não havia propósito político-partidário algum ali, apenas o desejo de criar um boletim e dar-lhe vida. Entrei para o coral e para um curso de teatro que existiu na faculdade. E notei que para ambos, havia um enorme preconceito por parte do alunado. Na cidade, fazer história também não era algo bem-visto. Para muitos éramos ateus, maconheiros, viados. Ou todas as coisas juntas. Um estigma pesado, sobretudo contra jovens muito novos e inexperientes.

Comecei um curso de Filosofia no Seminário Agostiniano em 1992, mas parei no primeiro semestre. Não daria conta de tanta leitura ao mesmo tempo. Logo depois me tornei professor substituto em um colégio de 1992 e 1993. Nesse colégio tive como aluno Marcelo Tavares. Guardem esse nome. No final de 1993, preparei um projeto de mestrado sobre o movimento estudantil na Unesp e procurei a professora Malatian. Ela não tinha vagas. Procurei então Ida Lewkowicz que me pediu um projeto mais consoante à sua linha de investigação. Então redigi um projeto sobre o desenvolvimento urbano de Franca no século XIX, de sua fundação em 1824 até 1892. Fui aprovado e consegui uma bolsa da Fapesp, depois de alguns meses, órgão de fomento para o qual tenho eterna gratidão.

Naquele mesmo ano de 1994 me tornei professor voluntário no Cursinho Pré-vestibular gratuito da Unesp, lecionando História do Brasil até 2003. Até a bolsa chegar também lecionei no cursinho Pré-vestibular Ponto e Vírgula, para o qual produzi duas

apostilas: a de História do Brasil e a de História Geral. Também dei aulas no cursinho de Carlos Amorim, colega pelo qual nutro grande afeição pela oportunidade. Uma vez no mestrado entrei de cabeça na pesquisa. Li tudo que estivesse à mão sobre história urbana no Brasil. Em 1995 escrevi uma monografia sobre o Centro de Franca e ganhei o concurso da prefeitura municipal sobre os bairros. Em 1997 voltei a ganhar novamente, com outra sobre o bairro Boa Vista. No ano seguinte a prefeitura me convidou para o júri, provavelmente para eu não voltar a disputar novamente. Acho que foi também em 1997 ou 1998 que fui professor substituto de Brasil Colônia na Unesp-Franca.

Momento decisivo foi o primeiro semestre de 1995 quando cursei uma das disciplinas do mestrado na USP, sobre História Urbana, ministrada pela professora Raquel Glezer. Ela voltou para participar da minha banca de defesa de dissertação em 1997 e me disse para tentar o doutorado na USP. Elaborei um projeto, uma biografia, sobre o Barão de Penedo e a questão dos bispos negociada no Vaticano. Ela me pediu para mudar o projeto para algo que ela pudesse me orientar na História Econômica, sugerindo-me estudar o Código Comercial de 1850. Foi o que fiz, à toque de caixa, para conseguir me inscrever, produzindo depois uma tese sobre a importância desse instrumento para a política econômica brasileira no Segundo Reinado. Novamente tive bolsa da Fapesp e isso resolveu-me a vida financeira. Entre a defesa do mestrado e o doutorado, posto que a bolsa havia acabado, fui professor na Universidade de Franca, lecionando metodologia, filosofia e teoria da comunicação em vários cursos, Letras, Comunicação, Design e Tradutor e Intérprete. Com a bolsa de doutorado, fiquei afastado de lá, participando apenas de atividades eventuais.

Segui como professor voluntário no cursinho onde Marcelo Tavares, aluno no colégio da minha disciplina de Filosofia, fez pré-vestibular. Em seguida ele foi meu aluno na graduação em Franca, quando fui professor substituto de Brasil Colônia. Ele também entrou no mestrado na Unesp-Franca. Entre 1998 e 2002 fiz meu doutorado. Com a bolsa pude morar sozinho, tinha guardado algum dinheiro, comprei um carro. Comecei, em 2002 um curso de alemão, por causa de Goethe e seu *Fausto*, queria ler em alemão. Acho que em 2001 ou 2002 fiz um concurso para a vaga de teoria da história na Universidade

Federal de Uberlândia, mas fiquei em terceiro lugar. No último ano do doutorado roubaram meu computador e *cds* de *back-up* em casa. Perdi minha tese toda. Naquela época não havia essa coisa de nuvem de computador, *Dropbox* ou *Google Drive*. Por sorte eu tinha minha qualificação impressa, mas perdi boa parte do meu terceiro capítulo. Tive que refazer tudo, praticamente do zero. Com isso defendi a tese em 16 de novembro de 2002. Um dia antes do meu aniversário. A comemoração foi no *Bar do Fish*, onde exibi a declaração da aprovação para os amigos.

Antes do título, tentei dois concursos na Unesp-Franca, um para História Moderna, no qual aprovaram uma pessoa que sequer tinha doutorado em história. Era doutora em Letras e esposa de um professor da casa. O outro, de Brasil Colônia, disciplina que, inclusive havia lecionado como professor substituto na mesma Unesp-Franca em 1998 e fiquei em segundo lugar. O professor aprovado era o ex-secretário do departamento de História de lá. Coincidências.

Já doutor, no começo de 2003, prestei novo concurso, novamente em Teoria da História na Universidade Federal de Goiás, campus Catalão e fui aprovado. Naquele concurso preparei-me adequadamente e juntei bastante bibliografia sobre esta área. Começava minha guinada do Brasil do século XIX para a teoria da História. Lecionava as disciplinas de Brasil Império e de Teoria, muito próximas de meus interesses e minha formação. Sou muito grato a todos os colegas do Departamento, que foram muito receptivos e generosos em minha estadia por lá. Do concurso da UFU de 1998 ou 2000, não me recordo agora, e este na UFG, lendo a bibliografia, percebi que o campo estava em franco desenvolvimento, passando por enorme renovação, acrescentando a teorias mais tradicionais, sobretudo o marxismo e os *Annales*, novas correntes e abordagens. Havia notado, nas minhas leituras a necessidade de conhecer melhor a teoria e a historiografia alemã do século XIX. Continuei estudando alemão em Catalão, por mais dois anos, somando três anos e meio de estudo. Então, ocorreu-me o projeto de traduzir os alemães para a língua portuguesa. Como não fosse bom o bastante naquele idioma, conheci e trabalhei junto com uma tradutora profissional Sara Baldus. Com ela comecei o projeto de tradução de Droysen, Gervinus, Humboldt e Chladenius.

A estreia desse projeto foi frustrada: Humboldt foi traduzido e publicado acho que em 2006 ou 2007. Então, *A tarefa dos historiadores*, foi um trabalho perdido que fizemos. Concentramo-nos então no *manual* de Droysen de 1858 e no texto de Gervinus de 1837. Isso no ano de 2006. Mesmo ano em que consegui um financiamento no edital universal do CNPq para estudar a facção áulica no início do Segundo Reinado brasileiro. Boa parte do dinheiro investi comprando livros de teoria. Este foi um ano decisivo pois, fui a um colóquio realizado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e em outro na Universidade Federal Fluminense, onde conheci, pessoalmente, Lucia Maria Paschoal Guimarães, Lúcia Bastos, José Murilo de Carvalho, Marcelo Basile e Valdeci Lopes de Araújo, entre outros, fazendo uma comunicação sobre meu estudo da facção áulica. Entre 2007 e 2009 negocie e preparei os originais de Gervinus e Droysen que foram publicados pela Vozes. Em 2005 eu tinha criado, com o colega Cristiano Arrais, a revista *Emblemas*, na UFG-Catalão. Tinha ótima relação com meus colegas de departamento, mas não havia me adaptado muito bem à cidade. Então comecei a olhar outros concursos na área de Teoria da História para fazer. Ainda no ano de 2005, fiz um concurso para Brasil Império na Unesp-Assis, no qual eu e o outro candidato presente fomos reprovados na prova escrita. Achei aquilo esquisito, embora, às vezes, acontecesse. Não parecia apto para ocupar aquela vaga, embora anos depois tenha me juntado à um grupo de elite interdisciplinar liderado pelos próceres da História do Brasil Império no Rio de Janeiro. Mas, sou grato àquela banca. Foi fundamental para ampliar meu interesse na teoria da História, sendo um estímulo a mais para meu projeto de traduções. Naquela altura inexisteriam esses tradutores eletrônicos ou inteligência artificial. Foi assim que, em 2008, prestei concurso de Teoria na Universidade Federal do Espírito Santo, que se tornou minha casa desde então. Tanto o concurso na UFG, quanto este na UFES foram marcados por lisura e absoluta transparência em seu processo.

Vitória, Espírito Santo e UFES foram uma paixão à primeira vista. Igualmente a acolhida pelos colegas de departamento que apoiaram meu trabalho e me deram muitas oportunidades. Ainda no estágio obrigatório, em 2009, abriu-se um concurso de Teoria na USP, do qual recebi notícia e incentivo para prestar de colegas daquele departamento,

mas que achei melhor deixar de lado e abraçar a vida capixaba. Aqui havia oportunidade de criar, efetivamente, a área teoria da história, de abrir-lhe um importante caminho, integrando-a a redes nacionais.

No primeiro ano de UFES fui da banca de mestrado daquele meu ex-aluno Marcelo Tavares na minha antiga Unesp – voltar à minha antiga casa, como convidado ilustre para a ocasião encheram-me de orgulho da minha jornada até aquele momento. Elidiu sentimentos de ex-aluno, firmando-me a confiança na qualidade de professor-pesquisador que havia me tornado. Hoje posso dizer que minha trajetória e o impacto de minha obra projetaram-se bem mais do que eu imaginava e que, por exemplo, meu *h-index* atualmente, não é superado por nenhum docente da universidade onde me formei e fiz meu mestrado. Em 2022 participei, novamente, da banca de doutorado de Marcelo Tavares, remotamente devido à Covid-19. Logo, fui seu professor no ensino médio, no pré-vestibular, na graduação, avaliador no mestrado e no doutorado. Sempre nos falávamos e era um privilégio ter estimulado sua carreira na história. Infelizmente ele faleceu em um acidente de trânsito em 2023. Era professor de história em Batatais-SP e se preparava para prestar concursos em universidades. Um grande amigo, sem dúvida, que se foi muito jovem.

No Departamento de História da UFES pude dar sequência às pesquisas sobre a historiografia alemã, acompanhando a tradução de Chladenius feita por Sara Baldus e que foi publicada em 2014 pela Editora Unicamp. Em 2010 fui convidado a participar como pesquisador do Pronex-RJ coordenado por José Murilo de Carvalho, ao lado dos colegas que conheci em 2006. Permaneci no grupo até meados de 2018, em dois grandes projetos. Em 2011 fui convidado e lecionei junto com José Vasconcelos uma disciplina no Programa de Pós-graduação em História Social da USP. Lentamente eu fui me afastando dos estudos sobre Brasil Império, de modo que encerrei, em 2018, meus trabalhos e leituras sobre a história do Brasil no século XIX, para me dedicar inteiramente à teoria da História e a um novo campo de investigação: a história indígena no Espírito Santo, motivado pelo interesse dos alunos e pela necessidade de maior investimento nesta área, um investimento iniciado em 2014.

Assim como no Brasil todo, excetuando raras exceções, a história indígena estava relegada a estudos muito pontuais, sem nenhum estímulo ou interesse. Então, depois de estudar e traduzir viajantes estrangeiros que narravam suas histórias de contato com integrantes de etnias indígenas no Oitocentos capixaba, Paul Ehrenreich e Teresa da Baviera, vi que era urgente estudar melhor o passado indígena. Assim, desde 2014, iniciei um projeto sobre a história dos povos indígenas no Espírito Santo, coordenando um projeto editorial que lançará agora seu sexto volume, uma coleção que deverá contemplar todas as etnias indígenas que existiram e ainda existem aqui. Já foram publicados livros sobre os Puri, os Guarani, os Krenak, os Goitacá, os Tupinikim e agora, em 2024 vão sair os Pataxó e os Botocudo. Graças a este empreendimento editorial, ganhei a mais alta comenda da Assembléia Legislativa do Espírito Santo, a comenda Domingos Martins e o título de cidadão espírito-santense, em 2014, quando este ambicioso projeto ainda dava seus primeiros passos.

Minha trajetória de estudos na área de teoria da História deve muito aos incentivos de colegas da UFG, notadamente, Cristiano Arrais, Carlos Oiti Berbert Jr e Fabiana Fredrigo. Mas também a Estevão Rezende Martins – uma inspiração diante de seu trabalho de divulgação da obra de Jörn Rüsen –, da UNB. Em seguida três nomes adquiriram uma centralidade nessa trajetória: Jurandir Malerba que me convidou a integrar seu projeto de traduções em 2010, naquela altura vinculado à UNESP-Franca, Valdeci Lopes de Araújo, o cérebro por trás da criação da Sociedade Brasileira de Teoria da História e História da Historiografia, e também da revista *História da Historiografia*, junto à UFOP, amigo e colega nos projetos do Pronex-Faperj de 2014 a 2018 e por fim, mas não menos importante, Marcos Antônio Lopes – da Universidade Estadual de Londrina – que, juntamente com Jurandir Malerba, chamou minha atenção para a importância de se pensar a divulgação histórica e a disputar selos editoriais representativos. A maior lição que tomei dos três, no entanto, era a de que a humildade e a erudição precisam caminhar juntas e que fazem toda diferença na vida acadêmica.

Nos últimos lampejos de estudos que fiz na área de história do Brasil, sobre a facção áulica e os partidos políticos do Império e o Estado brasileiro no Oitocentos, tive

o privilégio de ser acompanhado de perto por Lucia Maria Paschoal Guimarães, cuja erudição, cortesia e generosidade escapam a qualquer tentativa de maiores esclarecimentos. A ela devo o contato com um grupo de historiadores e historiadoras que sempre foram alvo de minha admiração e de minhas leituras. Algo equivalente a você conhecer, pessoalmente, seus ídolos do cinema ou da música. Jamais me esquecerei dos dias intensos de trabalho em um seminário interno realizado em Teresópolis no ano de 2011. Deixar os estudos de Império foi um divórcio sofrido, mas necessário, sobretudo para deixar mais espaço para novos pesquisadores, bem mais jovens e mais talentosos. Penso que a contribuição que eu poderia dar a este campo, já havia sido dada.

Nessa trajetória, ao longo do tempo, reconheci a necessidade de dominar ou ao menos poder intervir em alguns processos da vasta cadeia que envolve a produção e divulgação de conhecimentos históricos. Quando criei meu laboratório de pesquisa, o Lethis (Laboratório de Teoria da História e História da Historiografia), inspirado no NEHM da UFOP, na ocasião do encontro internacional que organizei, em 2013, para trazer Hayden White ao Brasil, que ainda naquele momento não tinha o devido reconhecimento da importância de sua contribuição e estudos à área de teoria da história, certifiquei-me da necessidade de ter dispositivos que pudessem viabilizar o trabalho de produzir e promover o evento. De dominar alguns espaços e atividades fundamentais para a consecução do trabalho acadêmico. Então, incentivei e estimulei esforços de criação e de inovação em meu laboratório, de modo que muitos de meus ex-alunos, atentos à essa necessidade, constituíram, em torno do Lethis um circuito envolvendo, agência de turismo (para facilitar nosso deslocamento para encontros caso não houvesse financiamento da Universidade), editoria (a criação da editora Milfontes da qual sou um dos consultores editoriais); tradução; diagramação, gravação e edição de vídeos, entre outros. Tudo isso permitiu que um laboratório pequeno, composto por menos de uma dezena de integrantes, fosse capaz de ganhar boa projeção regional, nacional e internacional. Graças a isso, mantemos até hoje uma grande capacidade de viabilizar projetos de forma mais rápida e barata não só locais, mas de outros centros de pesquisa. A despeito dos prejuízos vividos e das milhares de mortes, a pandemia de Covid-19,

colocou-nos diante do desafio de atingir novos públicos e usar novas linguagens. Então, dominar a produção, transmissão e divulgação de eventos e comunicações *on-line* se tornou imperativo e foi fundamental para consolidar nossas redes e de nos aproximar de outras audiências.

Esse *aparelhamento* do laboratório foi muito eficaz para a realização do IX Seminário Brasileiro de História da Historiografia em 2016 promovido pela SBTHH e do III EPETH, Encontro de Pesquisa em Teoria da História, realizado em 2021, durante a pandemia, na modalidade on-line, promovido pelo NEHM, pelo Lethis, pela Comum da UERJ e pelo Luppa da UFRGS. Ou seja, essa *expertise* e parcerias com ex-alunos foram responsáveis também pela produção de vários outros eventos locais, regionais, nacionais e internacionais, que realizamos posteriormente. E uma intensa produção bibliográfica. Foi, sem dúvida, um diferencial, em meu entendimento, fundamental: dominar toda a cadeia envolvendo organização, realização de colóquios, gravação de material, transmissão eletrônica, editoração de textos, publicação e distribuição de livros. Neste último aspecto, não que eu não me sentisse capaz de publicar pelos grandes selos, porque o fiz em diferentes ocasiões, mas porque podia controlar o processo e ser, devida e diretamente, remunerado pela venda do meu trabalho. Sem intermediários. Em 2022 a Milfontes foi um dos selos que mais publicou obras na área de teoria da História e, em diversos momentos teve seus livros entre os 10 mais vendidos na *Amazon*.

Fazendo esse rápido balanço de minha trajetória profissional, percebo que alguns pontos de conexão. O século XIX, que se firmou como um marco temporal desde 1994, a centralidade do Brasil e de suas vicissitudes face aos ritmos europeus da economia e do pensamento, a historiografia alemã voltada para a teoria da história do século XIX, cuja descoberta veio durante a preparação para os concursos que ocorreram na área por volta dos anos 2000, a criação da SBTHH e minha vinculação a essa rede, que permitiu a expansão e consolidação do campo no Brasil, responsável por descobertas, conexões, e trabalhos realmente importantes para mim. Um órgão do qual participo ativamente desde a fundação. Mencionei a importância do trabalho com as traduções, atividade que, teoricamente, conheci de perto ao usar textos sobre esse tipo de trabalho nas aulas no

curso de Letras-Tradutor da Universidade de Franca, que teorizavam sobre o que significa traduzir ou sobre o estatuto das traduções. Reconheço ainda a importância do trabalho editorial em função das aulas de teoria no curso de Jornalismo também naquela universidade particular, onde criamos um fanzine em 1998, o *Fangá Manzine*, junto com Alexandre Cordeiro de Sá, que durou algum tempo.

Reitero, por fim, o meu envolvimento com quatro grandes interesses mais recentes: os povos indígenas no Espírito Santo, o estudo das distopias, a relação entre a história e a literatura e, finalmente, o problema da escrita e da divulgação histórica na atualidade. Para meus projetos futuros, após a titularidade, pretendo me dedicar a estes três: intensificar meus estudos sobre os usos das fontes literárias na História, continuar as pesquisas sobre os povos indígenas e aprofundar minha análise sobre a utilidade da escrita criativa para o aperfeiçoamento e formação das habilidades de escrita junto aos alunos de graduação e pós-graduação em História. A este respeito produzi um livro juntamente com Kelly Andrade – acerca das possibilidades e do uso de fontes literárias em história – e tenho em preparação outro, que deverá sair em 2025, que fiz sozinho, voltado para discutir a utilidade de ferramentas de escrita criativa para a produção de textos em história e um melhor engajamento de diferentes públicos. Em relação aos povos indígenas deverão ser publicados mais três títulos, resultantes de estudos e traduções a respeito das etnias Maxacali, Guerém e Temiminó.

Por fim, gostaria de registrar um agradecimento especial para as mestras competentes e dinâmicas que me moldaram enquanto pesquisador; que faço questão, novamente, de citar: Teresa Malatian, Ida Lewkowicz, Raquel Glezer e Lúcia Maria Paschoal Guimarães. Não poderia deixar de mencionar, em meu início de carreira, o apoio incondicional de amigos como Emalda Bertoldi, Elaine Cristina Cintra, Jair Marcatti Jr, Maria Flávia Bolela, Franceli Guaraldo, Carlos Amorim, Ismar da Costa e Cláudio Maia, sem os quais minha formação e futura atividade docente no ensino superior não existiria. No meio da jornada não poderia deixar de expressar minha gratidão a Cristiano Arrais, Carlos Oiti, Fabiana Fredrigo e a Alexandre Avelar. Na UFES são muitos os colegas que me apoiaram nestes anos todos, para não citar um a um, menciono dois que tem sido

imprescindíveis em minha caminhada: Josemar Machado de Oliveira e Patrícia Merlo. Aos alunos, e sem eles não haveria Lethis, ou esse intenso trabalho com a teoria da história desenvolvido em solo capixaba, faço menção, em especial, a Marcelo Durão, Hugo Merlo, Thiago Brito, Bruno Nascimento, Weverton Amaral, Lucas Fiorezi. Dos alunos antigos meu cumprimento especial a Ivan Barroso e ao falecido Marcelo Tavares. Para concluir, seria impossível chegar aonde cheguei sem estes dois grandes mestres e companheiros de jornada, fonte de inspiração e de admiração: Valdei Lopes de Araujo e Jurandir Malerba. Os dois, a seu modo, uma referência obrigatória a todo aquele que quiser, efetivamente, aprender teoria da história. E para mim modelos inspiradores de que somente com muito trabalho conseguimos chegar a algum lugar

A todos vocês, minha gratidão, respeito e sinceros agradecimentos.

A seguir, como exige a praxe e sublinham as resoluções desta universidade para a promoção a professor titular, enfatizarei *as atividades desenvolvidas nos últimos dois anos*, período do interstício entre 2022 e 2024 – alvo desta promoção para professor titular – reportando-me, de forma eventual, ao trabalho que desenvolvi nesta Universidade Federal do Espírito Santo desde agosto de 2008 quando fui aprovado em concurso, pedindo vacância do cargo que ocupava na Universidade Federal de Goiás, para não interromper minha carreira, mantendo o vínculo trabalhista obtido em 2003. E vez ou outra também mencionarei minha experiência anterior naquela universidade, junto ao Campus de Catalão, que se desmembrou da UFG e hoje é a Universidade Federal de Catalão.

Formação

Fiz minha licenciatura em História na Unesp-Franca, entre 1990 e 1993, também sou mestre em História pela mesma instituição, com dissertação defendida no ano de 1997 e doutorei-me em História Econômica pela USP em 2002.

Minha dissertação de mestrado, cujo título se inspira em obra clássica de Marc Bloch, intitulada *Os dois corpos da cidade*, foi defendida em março de 1997, na qual analisei o processo de formação das cidades brasileiras no século XIX, acompanhando o caso de Franca. Procurei demonstrar como a criação dos núcleos urbanos era em parte realizada e conduzida pela Igreja e em parte pela Coroa Portuguesa, depois Império brasileiro. Essa dualidade na administração do solo das vilas e cidades criava um tipo particular de gestão sobre os lotes urbanos responsável por definir, não só o surgimento, mas também o desenvolvimento urbano. Um estudo inspirado na história social francesa, com uma abordagem serial, mediante o trabalho de fontes obtidas em arquivos, tanto o da Matriz, quanto o Arquivo Histórico de Franca. A referência maior, contudo, era de autores brasileiros como Murilo Marx, Raquel Glezer e Nestor Goulart Reis Filho. Havia alguma influência da história urbana marxista também, confesso, com forte influência *A cidade como um jogo de cartas*, de Carlos Nelson dos Santos e de *O direito à cidade* de Henri Lefebvre.

Minha tese de doutorado teve como objeto a análise de construção do Código Comercial brasileiro a fim de examinar o papel decisivo que teve na política econômica do Segundo Reinado. Ainda marcado pela história social, no interesse havido pelos formuladores da gestão da economia imperial, e pelo pensamento econômico vigente, exigiu-me a leitura de autores clássicos da história econômica brasileira, como Caio Prado Jr e Celso Furtado, além de ter forte influência dos estudos de Carlos Gabriel Guimarães e de Geraldo Beauclair de Oliveira. O trabalho foi modesto, servindo-se de fontes *oficiais*, como as Falas do Trono, as Atas do Conselho do Estado, os Anais do Senado e os Anais do Parlamento, entre 1840 e 1860. Embora se tratasse de um estudo em economia, o lastro

havido em relação à vida política imperial era importante e ficou um tanto quanto frágil, como apontou um dos membros da banca, Wilson do Nascimento Barbosa. Isso foi importante para meu redirecionamento de pesquisa nos próximos dez ou doze anos naquela área de estudos.

Fiz também um estágio pós-doutoral na UERJ, em 2014. Meu pós-doutorado versou sobre a facção áulica e sua atuação política entre 1831 e 1848 junto a Corte imperial brasileira. A hipótese é a de que antes da consolidação das agremiações partidárias esse grupo político organizado em torno da figura de Aureliano Coutinho, futuro visconde de Sepetiba, que ajudou a implementar o Golpe da Maioridade e a derrotar outras facções palacianas como a dos Andrada ou a de Holanda Cavalcanti, conseguiu ter alguma preeminência política até a consolidação dos partidos políticos, entre 1842 e 1848, sobretudo com a ascensão dos saquaremas, que fez com que perdessem a importância e a influência sobre o jovem imperador. Trata-se de um estudo que procurou analisar como forças ou grupos políticos aparentemente apartidários tinham poder e participavam das decisões políticas no início do Segundo Reinado.

Fica claro que nunca fui pesquisador de um tema só, embora admire os colegas que se tornam *experts* em seus campos de investigação, sempre tive uma mente inquieta e prender-me a um tipo de estudos me parecia muito desestimulante. O efeito colateral disso foi, é claro, um gasto elevado para adquirir sempre novas bibliografias, muitas vezes deixando de lado livros que foram essenciais em estudos já concluídos. Mas, o advento dos livros digitais e da própria pirataria foram um bálsamo para nossa vida acadêmica. Livraram-nos, literalmente, do peso econômico e físico de manter uma biblioteca grande. Outro problema foi, invariavelmente, a pouca verticalidade conferida a alguns dos textos que elaborei. Explorar novos objetos, descobrir novas possibilidades de estudos e de leituras sempre foi bastante estimulante. E como estava habituado a me envolver em dois ou três trabalhos ao mesmo tempo, preferi valorizar a multiplicação de estudos exploratórios do que tornar minha vida acadêmica um samba de uma nota só. E esse desprendimento ocorria, em grande medida, para poder atender, ou ao menos dialogar, com expectativas dos meus alunos. Apesar dessa abertura temática, não poucas

publicações minhas tiveram o tempo e a necessária exaustão para se tornarem mais densos e verticais. E, acredito, o século XIX se tornou uma referência maior temporal em meus estudos.

Depois de concluir meu primeiro estágio pós-doutoral, a ideia era engatar outro pós-doutorado, dessa vez no exterior, mas as exigências dos cargos de gestão e administração retardaram esse projeto pelo menos até meados de 2018. Dois anos depois veio a pandemia de Covid-19 e esse desejo foi novamente adiado. A princípio havia a possibilidade de ir para Alemanha ou para os Estados Unidos. A Argentina também era uma meta ainda mais próxima, mas, ao fim e ao cabo, meus projetos de pesquisa locais e a pandemia retardaram minha saída para um novo estágio pós-doutoral, que pretendo realizar em 2026. Na verdade, talvez esta seja uma das lacunas mais evidentes em minha carreira: não ter tido uma experiência internacional de estudos. Apensar dos intercâmbios e redes com colegas no exterior, dos eventos internacionais que participei ou organizei, ou de algumas publicações no exterior, falta-me esta vivência profissional.

Na Universidade Federal de Goiás, graças à generosidade dos colegas, eu pude lecionar as disciplinas diretamente relacionadas com meus estudos e interesse: História do Brasil Império e Teoria da História. No terceiro e no primeiro semestre, respectivamente. O curso era somente no período noturno, de modo que havia bastante tempo para ler e pesquisar. As condições de trabalho eram excelentes, mas, infelizmente, não me habituei à vida na cidade. Por isso a vontade de mudar de instituição.

Desde minha chegada à UFES, em 2008 até o presente tenho atuado na área de Teoria e Metodologia da História junto ao Departamento de História, lecionando nos cursos de graduação e pós-graduação. Na pós-graduação eu comecei em 2010, com apenas uma orientanda de mestrado, no ano seguinte entraram mais três. Atualmente, sou o coordenador deste Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas que tem conceito 5 na Capes. Desenvolvi meus estudos sempre nas áreas de História política e econômica do Brasil Império, Teoria da História, historiografia brasileira, historiografia francesa e historiografia alemã, com um enfoque voltado para a história intelectual e a história do pensamento, onde minhas leituras e minha formação

eram mais sólidas. Integro a linha de pesquisa Representações e ideias políticas no Programa de Pós-graduação em História da UFES.

Sou fundador e coordenador do laboratório e grupo de pesquisa no Diretório do CNPq do LETHIS (Laboratório de Estudos em Teoria da História e História da Historiografia – UFES) criado em 2013. Participo também como professor pesquisador em outros laboratórios e grupos de pesquisa como o LabTeo da USP, o Fórum de teoria da história (UFG), o Grupo de Estudos da Diversidade Linguística do Espírito Santo (UFES), o grupo Historiografias periféricas em perspectiva global (UNICAMP); Ideias, cultura e política na formação da nacionalidade brasileira (UERJ), o Laboratório de História das Interações Políticas e Institucionais (UFES) e também o Temporalidades Históricas: Metafísica do Tempo Histórico, Regimes de Historicidade e Historiográficos (UNESP).

Na minha vida escolar estudei a língua inglesa, nas aulas do colégio. Para o mestrado realizei proficiência de língua espanhola, que sequer havia estudado formalmente, não passei no primeiro exame, então depois estudei dicionários, falsos cognatos e a gramática, de forma autodidata. Então passei. Para o doutorado eu estudei um ano de curso intensivo na Aliança Francesa e fui aprovado. Depois disso, na Universidade Federal de Goiás eu estudei três anos de inglês. E o alemão estudei, inicialmente em Franca, entre 2003, depois retomei em Goiás nos anos de 2005, 2006 e 2007. Nestas duas línguas não realizei exames de proficiência. Aliás devo dizer que leio, razoavelmente, nesses idiomas, mas não escrevo.

Por incrível que pareça um dos cursos que mais ajudou em minha carreira foi o de datilografia, realizado em 1984, aos treze anos de idade. Ele me permitiu digitar com rapidez e fluência, com poucos erros. A introdução cada vez maior dos computadores e o aperfeiçoamento dos teclados ainda hoje, permitem-me redigir textos com facilidade, abreviando o trabalho. Na universidade, por mais insignificante que isso possa parecer, a mim foi decisivo. Sempre produzi muito e acredito que a velocidade do pensamento acompanhada pela velocidade de digitação é um valioso instrumento facilitador do

trabalho e que permite não perder o fio das ideias ao redigir os textos. Exatamente por isso que me acostumei a escrever sempre dois ou três trabalhos simultaneamente.

Atividades de ensino e de orientação

Desde minha chegada à UFES, na graduação, encarreguei-me das disciplinas de Teoria e Metodologia da História II e em seguida de Teoria da História I, que agora passou a se chamar Teorias da História. Faço parte de um grupo de três professores encarregados da oferta de disciplinas desta área desde 2008. A partir de 2018, esta disciplina, Teorias da História, corresponde à introdução dos calouros, a este campo. Ela é uma das três obrigatórias da área de teoria, que leciono até hoje, ininterruptamente em todos os períodos letivos.

Além de Teorias da História, oferto sistematicamente Monografia I, voltada para o desenvolvimento dos projetos de pesquisa dos trabalhos de conclusão dos alunos, e Monografia II, dedica à redação do trabalho de conclusão; em todos os períodos. Além destas, ofertei várias disciplinas optativas da área de teoria, como Historiografia Recente, Historiografia Alemã, Historiografia Brasileira, Clássicos da Historiografia, História e Literatura; História e memória, História, utopia e distopia; Produção de textos científicos em História.

Devo ainda dizer que, além do curso presencial, eu tenho atuado no curso de Licenciatura à Distância, chamado História EAD, oferecido pela Secretaria de Ensino à Distância da Universidade Federal do Espírito Santo e que lectionei, nos últimos anos as disciplinas: teorias da História, Metodologias da História, Prática e Pesquisa em Ensino de Teoria e Metodologia da História e, por fim, a disciplina de Monografia I. Para o segundo semestre está prevista a oferta da disciplina Monografia II. Uma experiência verdadeiramente enriquecedora e que me colocou em contato com a realidade de alunos e alunas interessados em cursar História, vivendo em cidades distantes da grande Vitória, que puderam realizar sua graduação no curso que desejavam.

Na pós-graduação, ofertei diversas disciplinas nos últimos anos, como História e Narrativa, História e Memória, Produção de Textos científicos de História; História,

Estado e nacionalismos. Neste ano de 2024, encarreguei-me da disciplina obrigatória do PPGHIS, Abordagens e métodos em História política e social.

Em toda minha atividade docente na sala de aula, procurei disseminar conhecimentos relacionados com minha produção em pesquisa, sintonizadas com leituras e preocupações mais duráveis e instrumentais do campo. Ou seja, não desconsiderar os clássicos, ao lado de sínteses e textos mais gerais. Ao mesmo tempo, procurei localizar temas prementes que pudessem atualizar e sintonizar os alunos com demandas atuais, com problemas e debates recentes da historiografia contemporânea.

Um de meus esforços permanentes foi o de manter um percentual mínimo de rotatividade de textos e autores, evitando engessar ou utilizar o mesmo programa de ensino ao longo dos anos, incluindo e excluindo textos com alguma frequência, a fim de capturar produção mais recente e autores que surgiram. Outra preocupação importante foi a de incluir um percentual cada vez maior de autores e autoras brasileiras em meus cursos de Teoria, valorizando o debate e a produção historiográfica produzida no Brasil. E de incluir também alguns textos voltados para as chamadas epistemologias periféricas ou de crítica ao europocentrismo, conhecidas como pós-coloniais ou decoloniais. Mas, em nenhum momento, abandonei autores clássicos como Droysen, Koselleck, Bloch, Braudel para citar alguns.

Segue abaixo quadro informando as disciplinas ofertadas no período entre 2022 e 2024, referente ao biênio contemplado para promoção à classe de professor titular:

2022-2

- 1.HIS13105 - Teorias da História
- 2.HIS13205 – História e Memória
- 3.HIS 11150 - Monografia I
- 4.HIS 11378 - Monografia II

2023-1

- HIS13105 - Teorias da História
- HIS04535 – História e Literatura
- HIS 11150 - Monografia I
- HIS 11378 - Monografia II
- EAD 14630 – Prática e Pesquisa em Ensino de Teoria e Metodologia da História

2023-2

- 1.HIS13105 - Teorias da História
- 2.HIS 11150 - Monografia I
- 3.HIS 11378 - Monografia II
- 4.PHIS0047 – Tópicos Especiais

2024-1 (*em andamento*)

- HIS 13105 - Teorias da História
- HIS 11150 - Monografia I
- HIS 11378 - Monografia II
- EAD 14643 - Monografia I
- PHIS0001 – Abordagens e Métodos em História Social e Política

No período relacionado, também me encarreguei da orientação de alunos envolvidos na confecção de suas monografias de conclusão de curso, alunos desenvolvendo pesquisas de iniciação científica, mestrados, doutorandos e pós-doutorandos. Tive a sorte, em minha trajetória nesta universidade, de ter sido procurado por alunos e alunas realmente interessados em História e que foram não apenas orientandos de monografia, iniciação, mestrado e doutorado, mas também interlocutores e coadjuvantes na tarefa de conduzir um laboratório coordenado e liderado por, praticamente, apenas um professor-pesquisador. Alguns vieram a se tornar mais próximos e são amigos já de algum tempo. Para o bem e para o mal, nunca procurei moldá-los a pesquisar o que eu pesquisava ou exigir que adotassem minhas diretrizes teórico-metodológicas mais estritas. Aliás, eu mesmo sempre fugi de dogmatismos e ortodoxias,

de modo que não seria eu a impor isso a eles, tolhendo a criatividade daqueles jovens. Apesar desse espaço de negociação e liberdade na escolha de temas e objetos de pesquisa, jamais incentivei ou coonestei iniciativas de ecletismo.

Antes de mencionar algumas realizações nessa parte, lembro-me com tristeza de que três alunos meus já desistiram da iniciação científica, por motivos semelhantes. Eram bolsistas não-remunerados que, ao arrumar um emprego tiveram dificuldade de conciliar as leituras da graduação, com as da pesquisa e o trabalho. Tive ainda dois mestrados desligados sob minha orientação, o primeiro herdado de um colega, cuja pesquisa era sobre história medieval e percebi que apresentou para a qualificação um texto cheio de plágios, sendo reprovado por este motivo. O segundo desistiu do mestrado, ele não tinha bolsa e precisava trabalhar, não tendo conseguido conciliar tudo. Uma pena.

Apesar dessas baixas já orientei 19 alunos no mestrado aqui na UFES e tive mais uma aluna coorientada no mestrado na Universidade do Porto que defendeu em 2023. Também orientei 9 alunos de doutorado. Em iniciação científica foram 53 orientações concluídas desde meu início de carreira, em 2003. Também supervisionei três estágios de pesquisa pós-doutorais. Atualmente oriento três mestrados, quatro doutorandos e tenho uma supervisionanda de pós-doutorado. Na iniciação científica somam-se quatro alunos também sob minha orientação. Todos estes estudos em andamento, com algumas exceções, estão vinculados à minha linha de pesquisa no programa de pós-graduação, Representações e Ideias Políticas, e às minhas pesquisas cadastradas e registradas na universidade. Via de regra, alinham-se aos meus temas de estudo, história intelectual, história da historiografia, história indígena, teoria da história e história do Espírito Santo.

Para o cômputo necessário para a promoção a professor titular, relatei na planilha apenas as orientações realizadas nos dois últimos anos. Entre 2022 e 2024, concluí a orientação de quatro mestrados, um deles em coorientação na Universidade do Porto, três doutorados, seis iniciações científicas e supervisionei um pós-doutorado.

Produção intelectual

Ao longo de minha carreira, publiquei 35 artigos em periódicos, que computados entre 1995 até o presente, dá uma média de 1,2 por ano, que reputo como nada desprezível. Minha produção em revistas de história só não foi maior devido, sobretudo, a um problema muito comum no passado, relacionado com a demora entre a recepção do artigo, sua avaliação e, por fim, publicação. Um tempo que excedia, com alguma frequência, mais de um ano. Isso me desmotivou, embora hoje seja bastante diferente o fluxo editorial nos periódicos cujas submissões tramitam digitalmente, de forma ágil e transparente. Outra característica dessa produção seriada que publiquei é o fato de que ela nunca se limitou a reproduzir aquilo que estudei, seja o mestrado, seja no doutorado. Como disse anteriormente, nunca quis limitar meus horizontes de pesquisa a um tema ou área específicos.

Tenho 15 livros publicados, quatro deles didáticos, um paradidático e 10 autorais, os dois últimos com o mesmo conteúdo, ligeiramente modificados, da versão digital para a versão impressa. Uma média de um livro publicado a cada dois anos. Por se tratar de produção autoral, reputo como bastante satisfatório. De todos eles, o de maior acolhida foi, sem dúvida, *História & Distopia*, cuja segunda edição saiu em 2019. O último, *História & Literatura*, também tem conhecido boa recepção, mas ainda não consigo avaliar com propriedade seu alcance, pois são menos de dois anos desde seu lançamento.

Publiquei 52 capítulos de livros, sobre os mais variados temas, com ênfase em teoria e metodologia da história, uma média de 1,7 produtos, ou seja, quase dois capítulos publicados ao ano. Destes eu destacaria os estudos introdutórios/apresentações que fiz sobre os livros que preparei das traduções dos autores alemães: Droysen, Gervinus, Chladenius, Ranke e Bernheim. Posso dizer, que no Brasil, fui um dos poucos que contemplou todas estas figuras bastante significativas na constituição da chamada ciência histórica alemã, ajudando a aproximá-las dos leitores brasileiros, em especial, alunos de graduação.

Organizei 30 livros nos últimos 29 anos de trabalho acadêmico, uma média de um livro organizado por ano, além de computar 15 organizações de dossiês em revistas, sobretudo na revista *Ágora*, de nosso programa de pós-graduação, da qual fui editor durante o intervalo de quatro anos.

Somado o total de minha produção bibliográfica, tenho 147 produtos neste meu tempo de atividade intelectual, o que perfaz uma média de cinco publicações por ano. Talvez isso pudesse dar azo a que tentem me impingir a pecha de produtivista. Não foi este o caso. Os trabalhos iam surgindo, eu escrevia sobre as pesquisas ou leituras que desenvolvia no momento. Evidentemente que nem sempre dei a devida maturação que alguns necessitavam para ter melhor feitura. Achava importante desvencilhar-me deles para seguir com outras produções, porque minha cabeça sempre esteve povoada por diferentes interesses e projetos. Acho que alguma ansiedade há nisto. Mas era bom ver os textos saindo, mesmo com imperfeições, porque eram um retrato bastante honesto de minha forma de trabalhar.

Aceito de bom grado a provisoriedade do mundo e das coisas. Incluindo aí a produção de conhecimento. Da crítica, como da morte, ninguém está imune. Lutar pela perfeição, ao menos para mim, seria um exercício demasiado de sofrimento. Que demandaria tempo e alguma vaidade, virtude que, como me referi anteriormente, não possuo. Não temo o esquecimento, só a morte. E isso não significa falta de esforço ou desleixo ao escrever. Apenas a honestidade de pensar em algo, reunir alguma leitura necessária e escrever, sem angústia, sem exorbitância; com simplicidade e prazer.

Neste último biênio, entre 2022 e 2024 organizei a publicação de seis livros, realizei a publicação de três livros, de cinco capítulos de livros e de dois artigos em periódicos, um deles internacional, na revista *Brésil*. Ou seja, mantive minha média de cinco publicações por ano.

Não poderia me furtar de, neste momento, fazer uma reflexão sobre minha produção internacional. Tive dois artigos publicados no exterior, este na *Brésil* e outro na italiana *Storia della Storiografia*. Tenho uma versão do meu *História & distopia* já

traduzida para o inglês aguardado avaliações, para ser publicada. Uma delas foi favorável, mas pediu algumas modificações. Estou esperando outra avaliação, pois, gostaria de publicar o conteúdo da obra exatamente igual à versão brasileira, que teve razoável sucesso. Editei um livro juntamente com Verónica Tozzi na Argentina e publiquei dois capítulos de livros na Argentina, um pela ProHistoria e outro pela Prometeo Libros. Uma média de uma publicação internacional a cada cinco anos. É alguma coisa, não muita, eu reconheço.

Reputo como decisivas algumas publicações em minha carreira. Na UFG em Goiás a já mencionada publicação da minha tese em 2006, *Os negócios do Império – o Código Comercial e a política econômica brasileira (1840-1860)*. Na minha atuação na UFES, destaco a organização das traduções e publicação de Droysen e Gervinus pela editora Vozes, respectivamente em 2009 e 2010, de Chladenius pela Editora da Unicamp em 2014, e de Ernst Bernheim e Leopold von Ranke para a editora Milfontes, respectivamente, em 2020 e 2023. Esses trabalhos fecharam um ciclo de estudos dedicados à teoria da história alemã no século XIX.

Ao menos para meus leitores capixabas, a coleção de dirijo, *História dos povos indígenas no Espírito Santo*, iniciada em 2017, com cinco volumes publicados e a previsão de nove no total, é a que mais me deu visibilidade para leitores especializados de diferentes áreas do conhecimento, e de público não-especializado ou acadêmico.

Também tiveram destaque em minha atividade intelectual e de divulgação histórica a organização das coletâneas: *A Constituição da História como Ciência* que organizei com Marcos Antônio Lopes em 2013, *Afirmção da História como Ciência* com Alexandre de Sá Avelar pela editora Vozes, em 2015 e o *Futuro da História* também com Alexandre Avelar, pela Milfontes no ano de 2019. Em seguida também foi decisivo organizar *Corpos e pedras*, em 2023, juntamente com Cristina Meneguello. Um livro cuja edição esgotou-se rapidamente. Aliás, o capítulo que redigi sobre o problema das estátuas, a partir de um caso na Ucrânia, eu reputo como um dos meus melhores e mais inventivos textos, por ter uma abordagem bastante inusitada sobre o problema do nacionalismo na contemporaneidade.

Eu penso que um dos meus livros que tiveram maior êxito de leitura e de debates foi *História & distopia*, primeira edição de 2017 e segunda edição de 2019. Ambas esgotadas e com direito a versão pirata em alguns sites. Um trabalho que surgiu do diálogo com alunos de iniciação científica e que me obrigaram a pensar um objeto e um conjunto de problemas a ele relacionado, com uma abordagem bem diferente do que eu havia feito até então. Essa publicação me fez voltar tanto para públicos mais iniciantes na pesquisa histórica como também a outros públicos, buscando fazer do exercício daquela escrita, o de produzir um livro com uma leitura mais acessível e direta. Algo que aprimorei ao publicar junto com Josemar Machado de Oliveira e Rusley Biasutti o livro paradigmático *A Unificação Alemã* em 2022.

Mas, foram outros dois trabalhos aqueles que se tornaram os mais citados e lidos de minha autoria, mais do que o livro *História e distopia*: a apresentação do *Manual de teoria da história* de Droysen e o artigo A história conceitual de Koselleck, publicado na revista *Dimensões* aqui de nosso programa de pós-graduação em História.

A guinada em busca de alcançar audiências mais amplas me fez produzir outros dois livros nesta direção: *História & literatura – o uso de obras literárias como fontes históricas*, com versão digital de 2023 e nova edição, impressa e revista, que saiu em julho de 2024; e está em fase de preparação outra obra, que pretendo lançar ano que vem, *Escrita criativa para historiadores*. Nela procuro mostrar a necessidade de maior investimento por parte de estudiosos em nosso campo no desenvolvimento de habilidade e de uma consciência narrativa. De saber adequar as históricas com o uso de ferramentas simples a diferentes formatos e interesses para que possam dialogar melhor com os leitores.

Atividades de Pesquisa

Das atividades de pesquisa realizadas neste período destacam-se o projeto *História, Literatura e Distopia*, desdobramento de estudos que realizo desde 2015 juntamente com alunos de graduação e pós-graduação e que é meu projeto base, cadastrado na PRPPG. Com base nele tendo orientado diversos alunos de iniciação científica, de mestrado e de doutorado. A ele procurei integrar disciplinas ofertadas na graduação e na pós-graduação. É um projeto que analisa a possibilidade da existência de uma dimensão distópica em alguns estudos recentes no interior da teoria da história, particularmente naquelas que apontam os limites da narrativa histórica em sua tentativa de representar o passado. E como as distopias atingem expressões da consciência e das práticas históricas modernas ferindo de morte seu otimismo metodológico que advogava uma verdadeira utopia (científica) devotada à reconstrução do passado, tal como surge em diferentes autores, correntes e posturas historiográficas, advogando a emergência de um novo cronótopo ou consciência história distópica, relacionado com expressões do pensamento pós-moderno marcadas pela presença do ceticismo e do relativismo, tal como se depreende na obra de alguns teóricos que se debruçam sobre o narrativismo e a nova filosofia da história como Chris Lorenz, Frank Ankersmit e Dominick LaCapra. A despeito das expectativas positivas diante do futuro da disciplina histórica, este projeto procura analisar a outra face da utopia dos historiadores, pensando a temporalidade e a historicidade a partir do conceito de distopia e identificando o passado como um *des-lugar* temerário e assustador. A hipótese que norteou este projeto era a de que as distopias têm enorme potencial crítico para se pensar uma dimensão distópica da história, que toma o passado como esse *des-lugar*, um espaço-tempo que se desloca nas narrativas históricas e se projeta em passados frustrados, uma verdadeira utopia inversa na qual o passado se torna uma ameaça e um enigma para a investigação histórica.

Um outro projeto que venho explorando e pretendo cadastrar agora em 2024, mas que informalmente venho pensando desde 2021 relaciona-se com a localização e análise de vários pesquisadores que se envolveram diretamente com o processo de expansão do

campo da teoria da história. E por meio de suas trajetórias analisar o percurso da teoria da história no Brasil como um espaço de atuação e de pesquisa autônomos a partir dos anos 1970, a partir de entrevistas e relatos de professoras e professores universitários. A meta é a construção de uma memória que abarque cursos, programas, eventos, obras, debates, redes, embates, disputas, entre outros objetos, lugares e práticas envolvendo a teoria e a metodologia da história brasileira. Feito sobretudo a partir de entrevistas com aqueles docentes. Este projeto já está em andamento, com orientandos de mestrado e doutorado envolvidos e será cadastrado na PRPPG proximamente. No momento dois historiadores da área estão sendo investigados: José Carlos Reis e Ciro Flamarion Cardoso. Pretendo ainda disputar algum edital para viabilizar sua materialização.

Por fim tenho me dedicado com relativa constância às narrativas de viajantes, memórias e crônicas sobre a província do Espírito Santo no século XIX, no qual já orientei trabalhos de mestrado e de iniciação científica. No início, voltada exclusivamente para analisar os livros de viagem e escritos de viajantes estrangeiros no Oitocentos, agora voltada para textos de antropólogos e viajantes que escreveram sobre os povos indígenas, para analisar a presença e a história de diferentes etnias em território capixaba. Tanto do século XIX quanto do XX. Estes estudos me conduziram ao meu projeto atual, realizado mediante financiamento obtido em edital universal da Capes refere-se à história indígena no Espírito Santo, com financiamento aprovado de 2023 a 2025. Nele, por meio de estudos interdisciplinares, serão estudadas algumas etnias importantes que viveram e ainda vivem neste estado como os Botocudo, os Guerém, os Temiminó, os Pataxó e os Maxacali. Cada obra procura trazer algum estudo antropológico redigido em português ou de alguma tradução de autor estrangeiro do século XX ou XX que esteja em domínio público, também procura apresentar um vocabulário mínimo com as expressões na língua indígena e sua tradução para o português, estudos arqueológicos disponíveis e históricas. Retraçar os espaços de sua ocupação antiga e recente, suas lutas por autodeterminação e reconhecimento de suas terras ancestrais.

Como mencionado anteriormente, integro grupos de pesquisa cadastrados no CNPq, nos quais destaco o grupo constituído por meu laboratório e a rede de

pesquisadores a ele vinculados, o qual coordeno: o Lethis. Além dele, faço parte de dois grupos de pesquisa localizados na UFES: o Grupo de Estudos da Diversidade Linguística do Espírito Santo (UFES) coordenado pela professora Edenize Ponzo e o Laboratório de História das Interações Políticas e Institucionais (UFES) coordenado pelo professor Ueber José de Oliveira. E também integro cinco grupos de pesquisa vinculados a outras instituições: o Fórum de Teoria da História (UFG), coordenado pelo professor Cristiano P. Alencar Arrais; o grupo Historiografias periféricas em perspectiva global (Unicamp), coordenado pelo professor Thiago Lima Nicodemo; Ideias, cultura e política na formação da nacionalidade brasileira (UERJ) coordenado pela professora Lúcia M. Paschoal Guimarães, e também o Temporalidades Históricas: Metafísica do Tempo Histórico, Regimes de Historicidade e Historiográficos (UNESP), coordenado pelo professor Hélio Cardoso. Além do LabTeo, grupo de estudos em Teoria da História sediado na USP e coordenado pela professora Sara Albieri.

À guisa de síntese e de busca de sentido, reconheço existir vínculos das questões que persegui em meus estudos e a necessidade dos financiamentos obtidos. Até porque não é possível estudar ou pesquisar sem recursos. Então menciono as bolsas de estágio e iniciação científica que tive na graduação, em seguida das bolsas de mestrado e doutorado em História, todas elas da Fapesp. Em seguida o financiamento do CNPq para o Universal que ganhei em 2006. Recebi novo financiamento do mesmo órgão em 2011. Também captei auxílios para a realização de eventos junto à Capes e à Fapes. Na Capes obtive recursos em vários anos, com destaque para 2013, 2014, 2016, 2018. Junto a Fapes também obtive dois financiamentos para projetos de pesquisa, em 2014 e em 2023. E junto à secretaria de Cultura consegui aprovar um importante projeto de digitalização do acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo em 2017. Esses recursos foram fundamentais para viabilizar todos os projetos que embalaram meus sonhos de realização profissional: estudar a economia no Brasil Império, a formação da cidade de Franca-SP, os áulicos na Corte brasileira, os povos indígenas do Espírito Santo, a obra de Hayden White e a teoria da história alemã.

Em meus trabalhos, direta ou indiretamente, há a presença constante do pensamento de autores com os quais desenvolvi leitura mais atenta e impactaram muito sobre mim. A leitura de *Humano demasiado humano* de Nietzsche, *Matéria e memória* de Bergson e as *teses sobre a História* de Benjamin deixaram marcas em meu pensamento desde a graduação. Dos historiadores propriamente ditos, a leitura de Robert Darnton e seu *O grande massacre de gatos e outros estudos* impressionou-me, assim como a de José Murilo de Carvalho, em seu *A formação das almas*. No doutorado, ali em meados de 2002 a leitura de *Futuro passado* em espanhol de Koselleck – que István Jancsó usava na USP – e o segundo volume de *Ser e tempo* de Heidegger se tornaram leitura de cabeceira a desde de 2002. Hayden White, indubitavelmente se tornou obrigatório a partir de 2003, quando reli *Meta-história* para estudar para o concurso de Teoria na UFG. Desde então, em meus trabalhos, como em minhas aulas, Benjamin, Koselleck e White se tornaram presença constante, portanto, há mais de 20 anos. Minha cabeça pensa a partir deles. Mais recentemente Arthur Danto me despertou vivo interesse, em relação à filosofia da arte e ao problema da representação, mais que seus estudos sobre a narrativa. Reconheço que tive um flerte rápido com Foucault e Deleuze, entre 2000 e 2008, algo que já passou, assim como o pós-estruturalismo também teria passado, nas palavras de Ewa Domanska.

No momento, encontro-me desafiado, para não dizer incomodado, com o problema das políticas transversais na universidade e no pensamento brasileiro; com a história global repaginada na Europa e no Brasil e a chamada pós-história ou pós-humanismo que os europeus têm disseminado com algum alarde. Em relação a eles tenho tido postura bastante crítica. Mais adiante quero analisar estas questões em um ou dois artigos. Mas, o que me interessa e tem ocupado, de fato, é conhecer os povos indígenas no Espírito Santo e concluir meu livro sobre escrita criativa para historiadores.

Concorri, acho que em 2012 ou 2013 à bolsa produtividade do CNPq na área de Teoria e Filosofia da História, meu projeto teve mérito destacado, mas foi recusado. Desde então não mais submeti propostas, tendo em vista que conseguia financiamentos sistemáticos junto à agência de fomento capixaba, a Fapes, que me traziam conforto e

comodidade, pois, não tiveram, como efeito colateral, a obrigatoriedade de índices de produtividade ou de fazer inúmeros pareceres exigidos pela agência.

Atividades de extensão e participação em congressos

Venho realizando, informalmente, e sem adotar continuidade ao longo dos anos, três projetos de extensão que não se encontram cadastrados na Pró-reitoria de extensão da UFES, mas que se encontram declarados no meu currículo lattes, posto existirem. Um deles é Jogos, vídeos e histórias: produção de recursos e material pedagógico para o ensino de História. Ele foi aplicado a mais de 90 alunos, graduandos e graduandas junto ao curso de Licenciatura de História EaD da Universidade Federal do Espírito Santo na disciplina Projeto de Ensino de Teoria e Metodologia da História, ofertada em 2023, com a finalidade de produzir material pedagógico para o ensino de História escolar em diferentes faixas etárias e em sintonia com os conteúdos estipulados pela Base Nacional Curricular Comum. Ele deriva de uma experiência anterior, do ano de 2008, quando cheguei a esta universidade e realizei projeto intitulado Produção de material didático e pedagógico para o ensino de História, que recoloquei como meta em 2022 no pós-pandemia. A ideia era pensar o uso de jogos, mas também a redação de material didático para coadjuvar no ensino e divulgação em história.

O único projeto de extensão que iniciei a inserção dos dados na plataforma de extensão da Universidade foi História digital do Espírito Santo: elaboração e reelaboração de verbetes sobre a história capixaba na *Wikipedia*, em virtude do interesse de um grupo de alunos em 2023. Fizemos várias reuniões e produzimos um verbete, Povos indígenas do Espírito Santo. Infelizmente o grupo se desfez e o projeto encontra-se, momentaneamente interrompido, aguardando a oferta de algum edital para concorrer a bolsas e ser, novamente, ativado. Ele se destina a professores universitários e da rede de ensino fundamental e médio, além de alunos de graduação e pós-graduação em História, com o intuito de promover um diálogo entre o saber acadêmico e a comunidade escolar, com vistas a fazer divulgação histórica para um público mais diversificado, produzindo verbetes na *Wikipedia* relacionados com a História do Espírito Santo. A partir de reflexões recentes sobre a história digital, a história pública e a divulgação histórica para amplos públicos pretende produzir conhecimentos e saberes relacionados com a pesquisa e o

ensino de história acadêmicos em sintonia com leitores mais amplos. Em uma sondagem inicial constatou-se a existência de informações equívocas, lacunares e defasadas em diversos verbetes, bem como a inexistência de alguns que seriam relevantes para variados leitores e interessados em História capixaba do presente e do futuro.

Nos últimos dois anos estive envolvido na organização de três eventos, *Passados em Transe*, evento internacional híbrido realizado na UFES, com as presenças de Verónica Tozzi e Ewa Domanska, em 2023, o *IV Forum de estudos capixabas* em 2022. No ano de 2023 organizei ainda o evento local *Por uma teoria da história brasileira* aqui na Universidade Federal do Espírito Santo. Antes desse período devo ter organizado mais de uma dezena de eventos aqui na Universidade Federal do Espírito Santo, três deles internacionais, um nacional – o SNHH de 2016 – vários regionais, e muitos locais. No final do ano passado, a coordenadora da Olimpíada Nacional de História, professora Cristina Meneguello convidou-me para integrar a comissão científica da 16ª olimpíada, que está ocorrendo agora, em 2024.

Em relação a palestras e conferências, no último biênio, realizei em 2023 uma palestra no *YouTube* da Anpuh falando sobre o cômico Januário da Cunha Barbosa. Em 2023 ministrei dois minicursos voltados para o uso da escrita criativa na produção de textos de História. O primeiro ofertado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e o segundo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na UFRN também realizei conferência/ aula inaugural falando sobre os 50 anos de *Metahistória* de Hayden White. Também gravei outro programa para o *YouTube* falando sobre história e distopia para grupo de pesquisa coordenado por Valdei Lopes de Araujo. Em 2023 fui conferencista convidado na Semana de História organizada pelos alunos do curso de graduação em História, com a apresentação intitulada *Diálogos entre História e Memória no Brasil: notas sobre o morrer e o viver na historiografia brasileira*. Também realizei uma palestra no Fórum de Teoria da UFG, apresentando uma fala sobre o Método histórico em Ernst Bernheim. No final do ano também realizei uma apresentação na Universidad de Saragoza, tratando do negacionismo histórico no Brasil.

Neste ano de 2024 realizei uma apresentação sobre o tempo e a distopia em meus estudos para a UFOP. Auxiliei na organização do evento relacionado com a obra de Ivan Jablonka ao lado de colegas da UFF, UFU, PUC-Rio e Unirio. No início do ano apresentei, ao lado de Kelly Andrade, uma palestra sobre como usar obras literárias como fontes históricas para o GHISLIT, Grupo História e Literatura sediado na UFMG. No dia 19 de abril, a convite do Tribunal Regional do Trabalho do Espírito Santo eu realizei uma palestra sobre a história e a presença dos povos indígenas no território capixaba.

Avaliando as instituições e lugares que mais frequentei, participando de eventos, destaca-se a minha casa, a UFES; seguida da UFOP. Por fim, a UFG. As cidades mais visitadas para apresentar trabalhos e participar de atividades de extensão foram, portanto, Vitória, Mariana e Ouro Preto e Goiânia.

Atividades administrativas e de representação acadêmica

Presido a Comissão de Ensino junto ao Departamento de História desde 2016, comissão da qual faço parte desde 2012. Também integro e presido o Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Licenciatura EAD em História desde 2022. Fiz parte da Comissão Científica do curso de Pós-graduação entre 2018 e 2023, que deixei assim que passei a ocupar o cargo de coordenador do programa em novembro de 2023.

Posso dizer que, na UFES, até este momento, ocupei praticamente quase todos os cargos possíveis, relacionados com meu centro e meu departamento. Fui subchefe (2009-2010) e depois chefe de departamento (2011-2012), coordenador-adjunto que assumiu o exercício da coordenação de curso de graduação (2018-2019) em lugar do coordenador afastado por questões médicas. Sou o coordenador do curso de pós-graduação (cargo que ocupo desde outubro de 2023), fui vice-diretor do Centro de Ciências Humanas e Naturais (2012-2015), membro do conselho editorial da Editora da Universidade (Edufes) (2016-2018), representante do CCHN na Comissão de Progressão Docente (2013-2016), representante do curso de História na Programa de Iniciação Científica junto à PRPPG (2010-2012). Fui diretor da ANPUH-ES entre 2011 e 2013.

Fui editor das revistas do Departamento de História, *Ágora* (2008-2010) e *Dimensões* (2010-2012). Também fui editor-executivo da revista *História da Historiografia* (2012-2014) e ocupo posto idêntico na revista que ajudei a fundar, em 2016, a *Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo*. Integro ou integrei o corpo editorial de vários periódicos brasileiros como a revista *Imago*, *Revista de Teoria da História* (UFG), *Escritas*, *Opsis*, *Intelligere*, *Ágora*, *Dimensões*. Atualmente integro o conselho editorial, de alguns periódicos, dentre os quais destaco, a *Revista Brasileira de História* (2023-2025) vinculada à Anpuh e a revista *ArtCultura*, vinculada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Presidi também o conselho científico da Sociedade Brasileira de Teoria da História e História da Historiografia de 2022 a 2024.

Em relação às agências de fomento à pesquisa, fui representante do comitê de Ciências Humanas da Fapes entre 2012 e 2014, do comitê de História da Fapemig em 2010 e 2011, bem como parecerista *ad-hoc* da Facepe em diversos anos, desde 2016 até o presente. Também fui parecerista *ad-hoc* de agências de fomento internacionais como o *Conicet* da Argentina e a Agência Nacional de Pesquisa da Polônia.

Participação em entidades científicas e acadêmicas

Sou filiado à ANPUH desde que ingressei no mestrado, se não me engano com matrícula ativada na ANPUH-SP em 1996. Em 2008, transferi a filiação para a seção da ANPUH-ES, órgão que tive o privilégio de ser vice-presidente em um mandato, e presidir durante a gestão de 2012 a 2014. Pegamos o caixa da entidade praticamente zerado e o deixamos com quase vinte mil reais para a gestão que assumiu. Em 2026 completarei 30 anos de filiação a esta entidade que reúne alunos de graduação, pós-graduação e professores de História e é nosso mais importante órgão de representação profissional e acadêmica.

Fui filiado à Associação Brasileira de Pesquisadores de História Econômica, a ABAPHE, de 2006 a 2008, mas deixei a entidade assim que migrei minha área de interesse e de pesquisa para a área de Teoria da História. Por questões semelhantes, embora tenha participado, indiretamente, desde sua fundação, da Sociedade de Estudos do Oitocentos, achei melhor não ingressar nela, acompanhando com interesse e carinho a atuação de muitos colegas em seu interior.

Sou filiado à Sociedade Brasileira de Teoria da História e História da Historiografia desde seu surgimento, em 2009. Recentemente integrei seu corpo dirigente participando de seu Comitê Científico, o qual ocupei o cargo de presidente, na última gestão, entre 2022 e 2024. Trata-se da entidade que mais devoto minha colaboração e que mantenho presença assídua em seus eventos e atividades.

Particpei, na condição de sócio e membro, do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo entre 2013 e 2017, mas, devido ao excesso de atividades acadêmicas, achei por bem deixar de participar das reuniões e eventos daquela entidade, que possui um corpo muito heterogêneo de sócios, a maioria composta por diletantes e não exatamente estudiosos ou pesquisadores com formação na área de História. Em todo caso, realizei minha contribuição ao órgão, conseguindo um financiamento em edital da Secretaria de Cultura do Estado do Espírito Santo para digitalizar parte de seu acervo e toda a coleção

de seu periódico, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*, de 1916 a 2016.

Participação em bancas e comissões julgadoras

Nestes últimos dois anos participei de 20 bancas de avaliação de trabalhos, uma média de 10 bancas por ano como membro convidado. Detalhadamente foram seis bancas de mestrado, nove bancas de doutorado, três exames de qualificação de doutorado e dois exames de qualificação de mestrado. Neste cômputo excluí as bancas nas quais era o orientador principal realizadas aqui na Universidade Federal do Espírito Santo, em nosso PPGHIS. Acrescidas estas seriam mais cinco bancas, somando, portanto, um total, de 25 participações em bancas e comissões julgadoras no biênio 2022-2024.

Em toda minha carreira, até este momento, fiz parte de 55 bancas de avaliação de dissertações de mestrado, de 28 bancas de doutorado e de doze exames de qualificação de doutorado. Além de oito bancas examinadoras em concursos públicos para professor efetivo, professor substituto e professor visitante.

Tenho observado um gradativo recuo na qualidade dos trabalhos apresentados, na contramão da ampliação das facilidades tecnológicas existentes. E explico. Sou do tempo em que levantamentos bibliográficos eram feitos a partir da bibliografia dos livros e artigos que a gente lia, além da busca nos fichários das bibliotecas. Era uma dificuldade levantar a produção sobre qualquer tema ou campo de investigação. Demandava tempo e driblar limitações espaciais, às vezes, exigindo o deslocamento para outras cidades a fim de ver a bibliografia em outras bibliotecas, ou ainda para encontrar e fazer cópia ou fichamento de livros, teses, dissertações e revistas. Agora, além das buscas digitais, dos bancos de dados, das plataformas de teses e periódicos, é possível fazer bons levantamentos bibliográficos em questão de poucas horas. E depois baixar artigos ou livros inteiros que podem ser lidos com ou sem a ajuda de inteligência artificial. Apesar de toda essa comodidade, os estudos estão cada vez mais preguiçosos.

Produção profissional técnica relevante

Ao longo da minha carreira, organizei 43 livros e ou dossiês, publiquei 62 trabalhos em anais de eventos, realizei 22 conferências ou palestras, produzi quatro traduções de livros, elaborei 98 pareceres sobre artigos enviados para publicação em diferentes periódicos, e somei 115 participações em eventos acadêmicos da área de História (congressos, seminários, encontros). Destes últimos, envolvi-me diretamente com a organização de 30.

Somente no biênio 2022-2024, redigi 16 pareceres *ad hoc* para diferentes periódicos acadêmicos de história. Neste ano de 2024, prestei consultoria histórica para a comissão organizadora das comemorações em virtude dos 150 anos da imigração italiana no Espírito Santo, organizada pela *Avanti Comunitá*, sociedade que representa os imigrantes italianos capixaba. Também editorei três livros, *História & literatura, Passados em transe* e o livro de Ernst Bernheim. Aprender a diagramar livros foi também algo importante para minha atividade profissional recente.

Em 2023 integrei ao lado de Fábio Franzini e Helena Mollo a Comissão Julgadora do Prêmio de Teses da SBTHH. E em 2022 fui membro da banca de seleção dos doutorandos que ingressariam no PPGHIS em 2023.

Entre 2022 e 2024 fui integrante da comissão organizadora do evento internacional *Passados em Transe: o Brasil e Meta-história 50 anos depois* ocorrido na Ufes em outubro de 2023, do IV Fórum de Estudos Capixabas em 2022 e membro da comissão científica organizadora do XI SNHH - Seminário Brasileiro de História da Historiografia, ocorrido na Unifesp em Guarulhos. Em 2024, faço parte do comitê científico da organização de dois eventos: o XII SNHH que ocorrerá em Ouro Preto em agosto deste ano e da 16ª Olimpíada Nacional de História, que já se encontra em curso e a qual me referi anteriormente.

Proferi cinco palestras como convidado entre 2022 e 2024, duas delas aqui na UFES e três em outras instituições.

Ao longo de minha trajetória tive algumas premiações e condecorações. Em Franca venci, em dois anos o Concurso de Monografias sobre a Histórias dos Bairros de Franca, o primeiro em 1995 escrevendo sobre o Centro e o segundo em 1997 escrevendo sobre Boa Vista, este último em parceria com um colega de mestrado, Antônio Marco Ventura Martins. Em Goiás, minha tese de doutorado foi selecionada e publicada pelo Campus-Catalão da UFG. No Espírito Santo eu fui condecorado com a Comenda Domingos Martins a mais alta honraria concedida pela Assembléia Legislativa do estado, que também me conferiu o título de cidadão espírito-santense, no ano de 2014, devido à minha contribuição nos estudos sobre os povos indígenas no Espírito Santo. Também fui premiado com o primeiro lugar em obras de ficção/literatura, no edital da Lei Aldir Blanc da prefeitura de Vila Velha, com meu romance infantojuvenil intitulado *A Pedra do Trovão*.

Acredito que com esse arrazoado de minha produção técnica que, infelizmente, não conta como produção qualificada distintiva na disputa de editais ou na promoção da carreira, consegui demonstrar o exaustivo trabalho cotidiano que ultrapassa, e muito, as atividades de ensino, pesquisa, extensão e administração que nos ocupam diariamente, resultando em um compromisso permanente de dar algum parecer ou de preparar algum material para apresentação em eventos científicos, de realizar atividades de assessoria, entre outros, seja a convite, seja voluntariamente. Esse trabalho adicional, aparentemente invisível, eu reputo como um dos mais importantes dentre as nossas tarefas, porque parece asseverar o mérito ou talvez o reconhecimento tido por nosso trabalho e do quanto somos mais ou menos valorizados pelos colegas para os auxiliar naquilo que nos demandam.